

# **AFETIVIDADES SONORAS – CRIAÇÃO, REGISTRO E DIFUSÃO DE NARRATIVAS ORAIS NO PROGRAMA DE EXTENSÃO MUSEOLOGIA NA UFRGS: TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS**

*Ana Carolina Gelmini de Faria*<sup>1</sup>

*Diogo Santos Gomes*<sup>2</sup>

*Marlise Giovanaz*<sup>3</sup>

**RESUMO:** O programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* preserva e investiga o itinerário da Museologia na referida universidade. Para a sistematização das fontes primárias tomou-se por desafio a gestão e publicação de coleções digitais, viabilizada pela ferramenta Tainacan. Devido o distanciamento social provocado pela pandemia da Covid-19 a equipe executora, estimulando as relações identitárias que tem a formação como referência, idealizou a subcoleção Afetividades Sonoras, que compõe a coleção Itinerários. Tem-se por objetivo preservar nuances da subjetividade da memória a partir da vivência dos indivíduos em uma dimensão que os documentos não guardam. O texto compartilha a experiência de coletar narrativas orais e visuais pela perspectiva dos agentes envolvidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória Social. Coleções digitais. Museologia na UFRGS. Afetividades Sonoras.

## ***SONOROUS AFFECTIVITIES - CREATION, RECORDING AND DIFFUSION OF ORAL NARRATIVES IN THE EXTENSION PROGRAM DESIGNATED MUSEOLOGY AT UFRGS: TRAJECTORIES AND MEMORIES***

**ABSTRACT:** *The extension program called Museology at UFRGS: trajectories and memories, preserves and investigates the itinerary of Museology at that university. For the systematization of primary sources, the challenge was the management and publication of digital collections, made possible by the Tainacan tool. Due to the social distancing caused by the Covid-19 pandemic, the working group, stimulating the identity relations that have the training formation as a reference, created the sub-collection Sonorous Affectivities, which composes the Itineraries collection. The objective is to preserve nuances of the subjectivity of memory from the experience of individuals in a dimension that documents do not keep. The text shares the experience of collecting oral and visual narratives from the perspective of the agents involved.*

**KEYWORDS:** *Social Memory. Digital collections. Museology at UFRGS. Sonorous Affectivities.*

---

<sup>1</sup> Museóloga (UNIRIO), mestre e doutora em Educação (UFRGS). Docente do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma universidade (PPGMusPa/UFRGS). Contato eletrônico: carolina.gelmini@ufrgs.br

<sup>2</sup> Discente do curso de Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua como bolsista do programa de extensão “Museologia na UFRGS: Trajetórias e Memórias”. Contato eletrônico: diogo.gomes200018@gmail.com

<sup>3</sup> Historiadora (UFRGS) e Mestre em História (UFRGS). Docente do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS). Contato eletrônico: marlise.giovanaz@ufrgs.br

# AFETIVIDADES SONORAS – CRIAÇÃO, REGISTRO E DIFUSÃO DE NARRATIVAS ORAIS NO PROGRAMA DE EXTENSÃO *MUSEOLOGIA NA UFRGS: TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS*

## 1 UMA DIFÍCIL INTRODUÇÃO

O ano de 2020 trouxe diversos desafios em decorrência do contágio mundial da Covid-19 e suas variantes. As deficiências de uma política pública nacional coordenada tornam essa uma realidade estendida e 2021 vai na contramão do que idealizávamos, sem grandes expectativas do retorno de nossas rotinas. Muitas pessoas para sobrevivência de suas famílias encaram jornadas de trabalho com medo diário do contágio. Os que conseguem trabalhar remotamente se adaptam e desenvolvem formas de lidar com múltiplas jornadas em um só espaço.

Essa realidade é dura: em Porto Alegre, cidade onde se localiza a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o boletim da Prefeitura de 16 de março de 2021, data dessa redação, informou uma taxa de 116,07% de ocupação dos leitos disponíveis, com 268 pacientes em emergências aguardando leito nesse dia. Entrando na segunda quinzena de março de 2021, 2.858 pessoas faleceram até o momento no estado em decorrência da doença (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2021). Com o estado do Rio Grande do Sul atualmente em bandeira preta, no início do mês o Hospital Moinhos de Vento, ampliando o necrotério da unidade para comportar os mortos por Covid-19, alugou um container (G1 RS, 2021). Só nas 24 horas do dia 16 de março de 2021 o Brasil quebrou seu recorde de mortes, com 2.798 óbitos; o total passa de 282 mil falecimentos por Covid-19 desde o início da pandemia no país (G1, 2021).

Com as aulas da UFRGS em sistema remoto emergencial discentes e docentes têm compartilhado diariamente o impacto da pandemia de Covid-19 na saúde mental. Os laços afetivos têm sido fundamentais para trocas fraternas em um momento que colegas relatam perdas de parentes e amigos(as). Há um saudosismo narrado sobre as aulas, os intervalos, os eventos, as formaturas e as conversas no jardim da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da UFRGS.

Diante do desafio cotidiano, o programa *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* seguiu, ainda que de forma remota, seu trabalho de registro da história da formação em Museologia dessa universidade. No período pré-pandemia, o programa ainda centrava-se a localizar referências *in loco* da formação a partir de levantamentos e pesquisas, a fim de documentar os vestígios encontrados

e por fim disseminar as fontes de informação por meio de seu repositório digital<sup>4</sup>. Com o distanciamento social causado pela pandemia da Covid-19 sentimos enquanto equipe desafiados a propor uma ação que fortalecesse os laços afetivos, para além do trabalho de recuperação de informação de evidências encontradas na UFRGS.

Tendo por provocação as inquietações de Yassuda (2009, p.47): “Os registros informacionais produzidos por bibliotecas e museus objetivam não só disseminar as informações pertinentes às suas coleções, mas também, aproximar o item do usuário ou pesquisador”, o programa de extensão decidiu idealizar uma ação que envolvesse diretamente os(as) agentes envolvidos(as) na formação em Museologia da UFRGS, promovendo o compartilhamento de memórias que nos unem enquanto coletivo.

Assim, foi idealizada a subcoleção *Afetividades Sonoras*, integrada à coleção Itinerários, que compreende compartilhar vivências durante a formação ou contato com o curso de graduação em Museologia e Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, ambos da UFRGS, a partir da interpretação dos(as) agentes narradores, processo que resulta um acervo de áudios e imagens de referência enviados pelos(as) protagonistas das memórias selecionadas.

## 2 AFETIVIDADES SONORAS

O programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* atua em prol da preservação, registro e disseminação de fontes de informações sobre a história de uma das formações em Museologia no sul do Brasil, em nível de graduação e pós-graduação. Para organizar as evidências foram concebidas coleções e subcoleções que compreendam suas atividades, sendo elas: Institucional; Projetos de Extensão e Pesquisa; Ensino; Exposições Curriculares; Saídas de Campo; Eventos; e Itinerários.

Iniciado em 2017, até o momento temos quatro dessas coleções em desenvolvimento: Institucional; Ensino; Exposições Curriculares; e Itinerários. Seu processo é contínuo e minucioso, demandando pensar políticas de aquisição para cada incorporação, metodologias específicas para os suportes de informação, pesquisa sobre as informações intrínsecas e extrínsecas, planejamento dos metadados do repositório digital Tainacan, inserção dos dados, revisão e promoção do conteúdo nas redes sociais do programa<sup>5</sup>. Destas, a coleção mais diferenciada é a Itinerário, que propõe realizar

---

<sup>4</sup> Para conhecer o programa de extensão *Museologia na UFRGS: Trajetórias e Memórias*, disponível em: <http://memoriamsufrgs.online/tainacan/>. Acesso em 17 mar. 2021.

<sup>5</sup> Para acompanhar o programa de extensão *Museologia na UFRGS: Trajetórias e Memórias* nas redes sociais, disponível em: <https://www.instagram.com/memoriamsufrgs/> e <https://www.facebook.com/memoriamsufrgs/>. Acesso em 17 mar. 2021.

entrevistas com pessoas que possuem relação com a criação e desenvolvimento do curso de graduação em Museologia e Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. Esta coleção é fundamentada na metodologia da História Oral. A coleção compreende mídias digitais como fonte de informação, tendo registros fotográficos associados.

Mencionado na seção anterior, buscando especialmente no período de distanciamento social pela contaminação da Covid-19 aproximar todas as pessoas que compõem a história da formação em Museologia na UFRGS, foi idealizada na coleção Itinerários uma subcoleção, intitulada Afetividades Sonoras. Diagnosticando o desejo dessa comunidade universitária de fortalecer os laços afetivos, nos questionamos como poderíamos, através de exercícios de memória, registrar episódios que marcaram a vida dos(as) protagonistas envolvidos(as).

Optamos por uma chamada aberta de elaboração e compartilhamento de relatos em áudio com duração de até cinco minutos, com o envio de uma fotografia que rememore visualmente a narrativa selecionada, registro sonoro e visual que são enviados para os executores do programa de extensão pelo aplicativo WhatsApp para tratamento documental no repositório digital Tainacan (figura 1).

Figura 1 - Chamada aberta para a subcoleção Afetividades Sonoras

**MUSEOLOGIA NA UFRGS**  
TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS

Olá! O Programa de Extensão **Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias** está iniciando a coleção Itinerários!

Em tempos de distanciamento social queremos reforçar nossos laços e contamos com sua participação!

Você tem alguma memória afetiva vinculada à Museologia da UFRGS? Pode ser referente a uma saída de campo, um evento, uma exposição curricular, uma aula...

**Se sim, venha fazer parte da coleção!**

**VOCÊ TEM UMA MEMÓRIA AFETIVA VINCULADA À MUSEOLOGIA DA UFRGS?**

**COMO FAZER?**

- 1 - Grave um áudio pelo WhatsApp, de até 5 min., sobre a sua memória afetiva (selecione uma);
- 2 - Envie o áudio para **+55 51 900000000**. Informe seu nome completo e dê um título para sua memória. Esse número é exclusivo para coletar depoimentos da coleção Itinerários!
- 3 - Se possível envie uma foto relacionada à memória, com os créditos da imagem e o ano, que será capa do seu áudio. Ao enviar o conteúdo você está autorizando a publicação no repositório digital do Projeto!

Seu áudio passará pela Comissão de Acervos do Programa e, somente após aprovação, integrado à coleção.

Fonte: Dos autores, 2021.

Como apresentado nas instruções, o primeiro passo é enviar um áudio de WhatsApp para o contato do programa de extensão, seguindo as normas de padronização. A proposta é que o áudio contemple uma lembrança afetiva do proponente, vinculada a algum momento seu com a Museologia

da UFRGS, seja na vivência da graduação ou da pós-graduação. Junto a esse arquivo de áudio a pessoa envia seu nome completo, uma imagem de referência visual e um título para aquele relato. Após o recebimento do arquivo, o áudio é avaliado pela comissão de acervo do programa de extensão e, uma vez autorizado, é catalogado no repositório digital compondo a subcoleção Memórias Afetivas e se torna um post nas redes sociais do Programa, utilizando o Instagram como principal ferramenta de divulgação (figura 2).

**Figura 2 - Print dos posts do programa de extensão no Instagram**



Fonte: MUSEOLOGIA NA UFRGS, 2021.

Sobre as decisões teórico-metodológicas cabem dois destaques. O primeiro foi o guia de referência Tecnologia Social da Memória, realizado pelo Museu da Pessoa (2009). Publicação para a construção de projetos de memória com a metodologia da História Oral nos auxilia nas orientações de três etapas consideradas fundamentais: construir, organizar e socializar histórias. Apresentam como princípios norteadores que são seguidos pelo programa de extensão:

- A História é uma narrativa. Não há uma única História já pronta. Ela é sempre narrada, contada por alguém. É um processo vivo, permanente. Por mais que fale do passado, a História é feita no presente e, de acordo com a percepção do grupo, ela pode mudar.

- A História é feita pelas pessoas. Toda pessoa é personagem e autora da História. De um lado, ela faz parte e se relaciona com os acontecimentos e rumos coletivos. De outro, participa da autoria desse registro. Como titular de sua trajetória de vida, toda pessoa tem direito de decidir o que quer contar sobre sua experiência, bem como de que forma e para quem quer transmiti-la.
- Toda história tem valor. A história de cada pessoa ou grupo é única, tem valor e merece ser preservada e conhecida. Não há histórias melhores ou piores, nem mais ou menos importantes.
- O uso das narrativas históricas faz parte do cotidiano. A história produzida merece ser preservada para as futuras gerações, mas só é preservado o que tem sentido social. Integrado ao dia a dia presente, de forma acessível e útil, o registro e o uso das histórias se perpetua. Tão importante quanto contar uma história é fazer com que seja ouvida e usada.
- O que é produzido socialmente deve ser apropriado pela sociedade. A história de cada um diz respeito à história de toda a sociedade. Deve-se garantir o acesso público e o amplo uso das narrativas históricas.
- A articulação das histórias contribui para uma nova memória social. Articuladas, as narrativas produzidas por diferentes indivíduos, grupos e instituições tecem uma nova memória social, plural e democrática. (MUSEU DA PESSOA, 2009, p.13-14)

A intenção da subcoleção Afetividades Sonoras vai ao encontro do desafio de um projeto de memória: mobilizar seus sentidos, potencializando a identidade, autoestima, registro de saberes e preservação de valores do grupo envolvido (Idem, 2009). Com um suporte metodológico, cabe ainda um segundo destaque: o conhecimento de iniciativas que exemplificaram possibilidades de execução. O Museu da Pessoa<sup>6</sup> foi uma das referências da nossa proposta. Outros dois exemplos inspiradores foram os projetos Sons do Porto<sup>7</sup>, que atua na construção do mapa sonoro da região portuária do Rio de Janeiro, e o projeto Museu das Memórias (*In*)Possíveis<sup>8</sup>, museu virtual que trabalha com acervos visuais, audiovisuais e sonoros. Nesse último exemplo a museóloga da instituição é membro do programa de extensão, o que favoreceu no processo criativo e tomadas de decisão.

Lançamos a iniciativa da subcoleção Afetividades Sonoras no dia 15 de outubro de 2020, na semana acadêmica integrada organizada pelos discentes representantes do Centro Acadêmico de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia (CABAM) da FABICO/UFRGS. Nesse dia foi realizada a Mesa-redonda “Musealizando afetividades em tempos de pandemia”, com a participação de Luiza Adas, representante do Museu do Isolamento Brasileiro, e Carolina Fogaça Tenotti, do Museu Diários do Isolamento<sup>9</sup>. Com o tema muito próximo das intenções da subcoleção, achamos oportuno compartilharmos nossa proposta, que foi acolhida pela comunidade.

<sup>6</sup> Para conhecer o Museu da Pessoa, disponível em: <https://museudapessoa.org/>. Acesso em 17 mar. 2021.

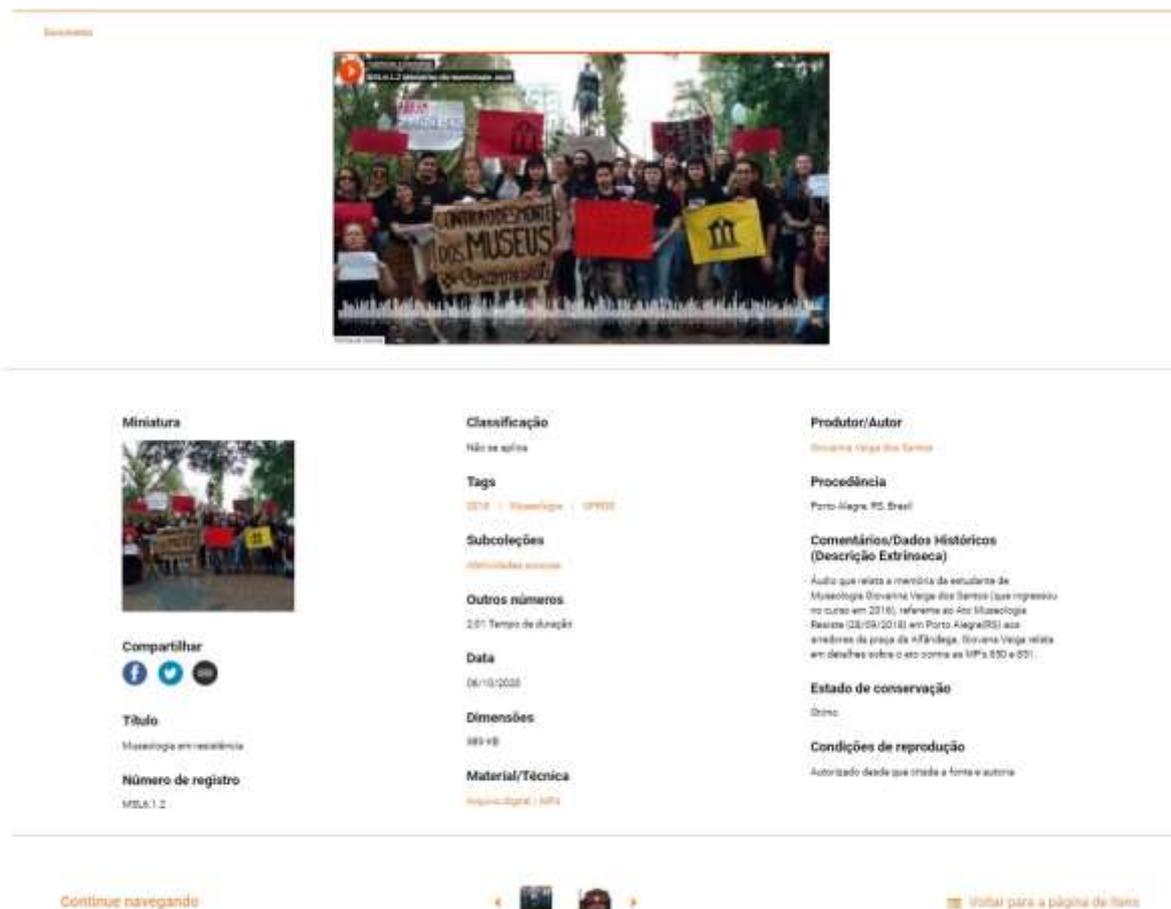
<sup>7</sup> Para conhecer o projeto Sons do Porto, idealizado na pesquisa de doutorado de Claudia Holanda, disponível em: [http://www.sonsdoporto.com/p/sobre\\_4.html](http://www.sonsdoporto.com/p/sobre_4.html). Acesso em 17 mar. 2021.

<sup>8</sup> Para conhecer o Museu das Memórias (*In*) Possíveis, inaugurado na Semana de Museus de 2021, disponível em: <https://museu.appoa.org.br/site/>. Acesso em 17 mar. 2021.

<sup>9</sup> A Mesa-redonda *Musealizando afetividades em tempos de pandemia* (2020) encontra-se disponibilizada em <https://www.youtube.com/watch?v=RjbYaDhc51c>. Acesso em 17 mar. 2021.

Obtemos, até o fechamento desse artigo, dezesseis memórias afetivas, enviadas por docentes e discentes do curso de graduação e Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. Cada depoimento gera um número de registro e são informados título, tags, tempo de duração do áudio, dimensões, data de envio, localização, material/ técnica, produtor/autor, procedência, comentários/dados históricos, estado de conservação e condições de reprodução (figura 3).

Figura 3 - Print de um número de registro no repositório



The screenshot shows a digital repository record for an audio file. At the top, there is a large image of a group of people holding signs during a protest. Below this, the record is organized into several sections:

- Miniatura:** A smaller version of the protest image.
- Classificação:** Não se aplica.
- Tags:** 2018 | Museologia | UFRRS
- Subcoleções:** Memórias afetivas
- Outros números:** 2:07 Tempo de duração
- Data:** 06/10/2020
- Dimensões:** 889 KB
- Material/Técnica:** mp3 (digital) | MP3
- Produtor/Autor:** Giovanna Varga dos Santos
- Procedência:** Porto Alegre, RS, Brasil
- Comentários/Dados Históricos (Descrição Extrínseca):** Áudio que relata a memória de estudante de Museologia Giovanna Varga dos Santos (que ingressou no curso em 2016), referente ao Ator Museologia Sistema (28/09/2018) em Porto Alegre (RS) após a realização da prova da UFRRS (Giovanna Varga relata em detalhes sobre o ato como as UF's 830 e 831).
- Estado de conservação:** Ótimo
- Condições de reprodução:** Autorizado desde que citada a fonte e autoria.

At the bottom of the record, there are navigation options: "Continue navegando" with a left arrow, a "Voltar para a página de itens" button with a right arrow, and a "Ver" button.

Fonte: Programa Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2021.

As decisões metodológicas operacionais foram importantes no processo de concepção da nova subcoleção do Programa, pois pela primeira vez trabalhamos com acervo sonoro em uma perspectiva de curadoria e da preservação digital:

A curadoria digital é vista como “a gestão atuante e a preservação de recursos digitais durante todo o ciclo de vida de interesse [...], tendo como perspectiva o desafio temporal de atender a gerações atuais e futuras de usuários” (Sayão e Sales 2012 p. 184). Para Abbot (2008), curadoria digital envolve “todas as atividades na gestão de dados” (p.1): planejamento da produção, digitalização, documentação,

disponibilização, adequação para descoberta e reutilização. Observa-se, a partir dessas definições, que a curadoria digital é “mais um campo de atividade profissional e institucional do que, propriamente, uma proposta teórica” (Araújo 2017 p.19). Não há como compreender a curadoria digital sem relacioná-la à prática da preservação digital. No mencionado artigo pioneiro de Hedstrom (1997), preservação digital é definida como “o planejamento, a alocação de recursos e a aplicação de métodos de preservação e de tecnologias necessárias para assegurar que a informação digital de valor contínuo permaneça acessível e utilizável” (p.190). (PIRES; ROCHA, 2020, p.4)

Atuando nessa perspectiva, a equipe do programa de extensão tem como desafio a preservação e acesso dessas memórias compartilhadas, atribuindo por meio de uma comissão de acervos valor à informação digital enquanto fontes de informação. Para isso houve um cuidado no registro da informação, garantindo “[...] o acesso continuado, a usabilidade e o significado da informação, além de sua capacidade de ser aceito como evidência sobre aquilo que tem a função de registrar” (Ibidem, p.5). O repositório Tainacan torna-se uma ferramenta estratégica de gestão e sociabilização de informações consideradas, nesse contexto, patrimônio da história da educação em Museologia da UFRGS, possibilitando novas dinâmicas de trocas sociais, emergencial frente ao contexto social enfrentado atualmente. Desenvolvido com base no software livre WordPress, o Tainacan foi concebido como um repositório de fácil utilização, configuração, implementação, interoperabilidade e uso:

[...] o Tainacan [é] um novo software para gestão de repositórios digitais, cuja aplicação para acervos culturais têm tido resultados promissores. Em relação a esta aplicação, enfatiza-se contribuições importantes do Tainacan em comparação aos demais softwares, como as possibilidades de interação, que podem ocorrer com as redes sociais, com outros usuários e com os próprios itens do acervo e a interface, que mesmo simplificada, permite a realização de praticamente todas as configurações necessárias para uso da ferramenta. [...] O Tainacan continua em desenvolvimento, e cada vez mais funcionalidades serão implementadas a fim de produzir um software completo que atenda satisfatoriamente gestores e usuários, tornando-se um canal aberto entre a produção cultural brasileira e a sociedade, expandindo seu alcance a todo país. (MARTINS *et al.*, 2017, p.19)

A utilização do Tainacan permite aos executores do programa de extensão proporem ao seu público-alvo compor um repertório de memórias gestadas pelos próprios agentes, cabendo, à equipe, o registro e a preservação dessas memórias produzidas e armazenadas em mídia digital. O protagonismo da elaboração narrativa dessas memórias entra em cena:

Novas práticas sociais passam a compor o mosaico de possibilidades informacionais disponíveis para o cidadão comum. A sociedade civil pode agora produzir coleções de objetos digitais de seu interesse e arquivar esses objetos em sistemas de alta disponibilidade de serviços. Ela pode classificar esses objetos da maneira que achar relevante, subvertendo a necessidade restrita de utilizar taxonomias hierárquicas e

vocabulários controlados – gerando a folksonomia como prática. O cidadão interessado pode ainda publicar sua opinião sobre temas que considera de relevância, e também votar, curtir e selecionar aquilo que considera mais interessante. (MARTINS; CARVALHO JÚNIOR, 2017, p.47)

Os retornos recebidos até o momento para compor a subcoleção Afetividades Sonoras foram surpreendentes. Ao nos debruçarmos nas memórias identificamos que, enquanto coleção, o potencial de fortalecer a identidade e a coesão do grupo é significativa, reforçando os laços afetivos. Todos partem de uma memória individual, da perspectiva do memorizador, e com um tema específico, mas ao longo da narrativa observa-se a menção a referências coletivas, como o corpo docente compartilhado pela maioria dos ouvintes e a FABICO enquanto ponto de encontro. Porém, o destaque se dá pela dimensão intangível: as trocas, inspirações e, especialmente, as amizades construídas, relatadas como um dos principais retornos que a formação poderia lhes dar.

Cada um de nós carrega dentro de si suas vivências, impressões, acompanhadas de suas aprendizagens. Não guardamos tudo, pois a memória é sempre seletiva. A história de cada um de nós contém a história de um tempo, dos grupos a que pertencemos e das pessoas com quem nos relacionamos. [...] A possibilidade de compartilhar essa memória é que dá a cada um de nós o senso de pertencimento. Trata-se de uma relação criativa e dinâmica entre o indivíduo e o grupo. (MUSEU DA PESSOA, 2009, p.37)

A proposta da subcoleção tem suscitado elementos interessantes para se debater a própria formação do(a) profissional museólogo(a) no que tange à Memória Social, especialmente sobre a dinâmica dos bastidores: até o momento foram enviadas 15 memórias, um número ainda tímido, que revela o que temos cotidianamente enfrentado: as pessoas entram em contato com os(as) integrantes do programa de extensão e revelam a dificuldade de selecionar uma memória relacionada ao curso de graduação ou pós-graduação, muitas vezes questionando se pode enviar mais de uma lembrança e/ou vários áudios, o que potencializa análises sobre a tomada de decisão do que lembrar e do que esquecer. A posição assumida enquanto interlocutor(a) de uma memória a ser preservada em um repositório digital e compartilhada nas redes sociais também gera efeitos: nos é revelada a importância de se fazer um bom discurso, uma seleção cuidadosa da foto a ser vinculada à narrativa e a escolha estratégica de um título. Muitos(as) dos que enviaram memórias relataram posteriormente terem escrito um texto e depois transformado em áudio, o que evidencia um cuidado meticuloso no registro; outras pessoas compartilharam mais de uma opção de fotos, solicitando opinião de qual seria mais oportuna de vincular à memória submetida ao programa de extensão. Esse processo nos foi uma surpresa e temos acompanhado com muito interesse essa dinâmica não oportunizada nas demais coleções.

Outro destaque são as referências das memórias selecionadas, possível de serem exemplificadas nas fotos de apoio aos áudios: ou possuem muitas pessoas, evidenciando os vínculos afetivos, ou um objeto gerador da elaboração narrativa, ou, ainda, patrimônios edificados como cenário de uma vivência museal (figura 4). Esses elementos são estratégicos e, pelas características do repositório Tainacan, permitirão em um futuro próximo cruzamentos dos itens de informação, pois as memórias afetivas estão vinculadas aos temas centrais das demais coleções.

**Figura 4 - Exemplo das imagens associadas às memórias da subcoleção Afetividades Sonoras**



Fonte: Programa Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2021.

Cabe, aqui, um destaque aos registros fotográficos selecionados, importantes meios de memória desde que estes se tornaram acessíveis a grande parte da população. Eles registram momentos, intenções, episódios do cotidiano dos sujeitos retratados, que ficam gravados graças ao fenômeno de registro de luz que chamamos fotografia. As fotografias são também importantes registros das experiências e das conexões com as comunidades em que os sujeitos estão inseridos. O

antropólogo Joël Candau (2014) desenvolveu o conceito de *sociotransmissor*, que foi definido pelo autor como o objeto que é capaz de transmitir sentimentos e estabelecer uma conversa entre duas ou mais mentes, ligando afetivamente essas memórias, o que pode ser aplicado com muita eficiência ao registro fotográfico.

Dentro do programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, a subcoleção Afetividades Sonoras traduz-se na conversa a partir das memórias dos sujeitos envolvidos e seus testemunhos com as imagens compartilhadas no repositório. Para Candau (2014) os sociotransmissores permitem as conexões entre os indivíduos a partir do compartilhamento das lembranças e memórias, no caso aqui apresentado, a partir das fotografias. O autor dedica-se ao estudo da transmissão das memórias, definido por ele como a transmissão de um capital de lembranças e de esquecimentos, sendo esta função de transmitir seu centro de abordagem. Por ser a memória algo limitado e falho, o autor indica o uso do que denomina de “extensões de memória”, que são os sinais exteriores que vem sendo utilizados pela espécie humana para facilitar ou dar duração às lembranças. Esses sinais exteriores podem ser marcas, desenhos, escritos (no caso abordado aqui os registros fotográficos) que permitem “[...] a socialização da memória e a possibilidade da estocagem de informações cujo caráter fixo pode fornecer referenciais coletivos de maneira bem mais eficaz que a transmissão oral” (CANDAU, 2014, p.108). A partir destas marcas as memórias ganham duração temporal e alcançam sua sobrevivência para além da experiência do vivido, transmitindo seu capital social.

O repositório Museologia UFRGS guarda e conserva um conjunto de documentos e imagens relativas à vivência no espaço específico de um determinado grupo, os docentes, discentes e técnico-administrativos envolvidos nos cursos de graduação e de pós-graduação em Museologia. Este conjunto documental é selecionado e analisado por um grupo de especialistas, que os classificam, organizam e catalogam com a intenção de dar-lhes duração, atribuir-lhes valor histórico. Este olhar metodológico e científico retira do conjunto documental sua potência emotiva, pois a plataforma acaba por tornar esta memória mediatizada. A tentativa de associar áudios às imagens coletadas é uma forma de restituir o potencial de memória e de emoção aos documentos já incorporados ao acervo e também de trazer novos elementos ao processo.

Alberti e Heynmann (2018) alertam para o risco gerado pela profusão de acervos, especificamente de História Oral no caso das autoras, mas que podemos ampliar para os acervos que envolvem memórias em geral, de estarmos gestando um patrimônio silencioso. É possível acompanhar a criação de novos acervos físicos ou digitais cotidianamente, tornando real a expressão indicada por Pierre Nora (1993) de uma explosão de memórias, que sinalizava que esta já não existia mais como prática e por isso acabava por alicerçar-se em *lugares* que a cristalizam.

Para Alberti e Heynmann (2018) o que impediria estes acervos de tornarem-se sepulturas de memórias é nossa capacidade em dar novos usos e novas formas de comunicação a estas lembranças e registros. A associação de áudios de lembranças dos sujeitos envolvidos aos itens de informação preservados pelo programa de extensão foi desenvolvida neste mesmo sentido, trazer para a plataforma a voz das pessoas que fizeram e fazem parte da comunidade Museologia da UFRGS e dão sentido a esse acervo. Como resultado desejamos obter diferentes perspectivas da história da Museologia na UFRGS, identificar as memórias e identidades compartilhadas e, em longo prazo, que surjam mais pesquisas no acervo e ampliação do conhecimento produzido e divulgado.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O distanciamento social, medida protetiva que busca limitar o convívio social de modo a parar ou controlar a propagação de doenças contagiosas, implicou em uma adaptação das rotinas cotidianas. Ir ao trabalho, escola / universidade e mercado (antes da pandemia atividades tão costumeiras) tornou-se inviável para a redução da transmissão da Covid-19. Tais práticas estão temporariamente adaptadas. As universidades brasileiras adotaram o ensino remoto emergencial. Na UFRGS estamos completando o segundo semestre nesse modelo. Essa transição levantou inúmeras inquietações, entre elas como manter ativa as atividades dos programas de extensão – ações de interação com outros setores da sociedade, com vistas a uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades de grupos sociais.

Desse modo, o programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* se tornou um grande desafio. A fase de coleta do programa ainda está voltada para as evidências localizadas na Universidade e, atualmente, os campi encontram-se fechados em decorrência da bandeira preta no Estado. Como dar continuidade às atividades? As docentes vinculadas ao programa, tendo contato diário com os(as) discentes do curso de graduação e da pós-graduação identificaram um desejo compartilhado coletivamente pelo contato físico. Momentos vivenciados na formação passaram a ser rememorados nas narrativas das pessoas. Essa ocorrência motivou a equipe a pensar em uma nova estratégia: tornar esses relatos acervo, aproximando as pessoas do programa ao se tornarem colaboradoras da preservação do itinerário dessa formação.

Essa tomada de decisão trouxe novas perspectivas para o projeto: o desafio de estudar a metodologia da História Oral, planejar estratégias de obtenção de fontes sonoras, testar a inserção desses dados no repositório digital Tainacan e estudar o preenchimento dos metadados desses itens de informação. Uma vez lançada a subcoleção Afetividades Sonoras, novas situações surgiram: se no início de cada aula há momentos de trocas espontâneas, contribuir para a subcoleção demonstrou ser

mais um exercício mais aprimorado. Muitos relatam a necessidade de selecionar o que consideram a melhor memória e construir sua narrativa de forma planejada, o que demanda tempo e decisões do que privilegiar ou não.

A ideia de uma subcoleção na coleção Itinerários trouxe uma nova perspectiva para o programa: essa coleção tem por objetivo reunir entrevistas de agentes que protagonizaram fatos que definiram a história da formação em Museologia da UFRGS. Ou seja, tem por característica ser uma ação selecionada. Ao lançar a subcoleção Afetividades Sonoras o processo de obtenção de memórias foi democratizado. Qualquer sujeito que deseje compartilhar uma recordação vinculada ao curso pode contribuir. Essa tomada de decisão potencializou a inserção de novos agentes e ampliou a dimensão simbólica de acervos preservados pelo programa de extensão ao apresentar diferentes interpretações sobre os objetos que evocam tais memórias.

A ideia da subcoleção Afetividades Sonoras surgiu de uma improvisação, como uma tentativa de o programa de extensão contribuir para seu público-alvo, a comunidade universitária, em um momento histórico que os laços identitários encontram-se fragilizados. Temos turma em que os(as) estudantes se viram e vivenciaram a rotina universitária presencialmente somente por três semanas e já estão concluindo seu segundo semestre curricular. Os itinerários tornam-se, nesse processo, estratégicos para reforçar a sensação de pertencimento.

Esse exercício está em desenvolvimento, em decorrência de uma característica do programa de extensão: a opção de trabalhar com um repositório digital. Nesse sentido, ressalta-se a importância do investimento em tecnologias de informação e comunicação, ferramentas capazes de possibilitar novos acessos e convívios. A escolha de usar o Tainacan se mostra muito eficaz no processamento de dados, preservação e disseminação da informação. As redes sociais do programa também são estratégicas, divulgando o trabalho realizado e convidando as pessoas para contribuírem como protagonistas.

Ainda que tenha surgido em um difícil período que a humanidade atravessa, a subcoleção Afetividades Sonoras possibilitou a equipe do programa de extensão repensar suas dinâmicas e criar estratégias que ampliem a participação dos próprios agentes representados em seu propósito. É uma iniciativa simples, mas potente, que evoca pela voz dos narradores uma dimensão intangível difícil de se registrar em vestígios materiais por si só: as amizades, as alegrias, as trocas, as admirações, o crescimento pessoal e profissional, os afetos. Alcançamos, assim, uma das missões mais importantes do programa de extensão: caracterizar o processo ensino-aprendizagem que a Museologia da UFRGS defende, fundamentado no diálogo, na troca, no respeito e admiração mútua.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena; HEYNMANN, Luciana. Acervos de História Oral: um patrimônio silencioso? In: BAUER, Letícia Brandt; BORGES, Viviane Trindade (orgs.). *História Oral e Patrimônio Cultural: potencialidades e transformações*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p.11-29.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Ed. Contexto, 2014.

G1. Brasil registra 2.798 mortes por Covid em 24 horas, novo recorde da pandemia; total passa de 282 mil. *G1- Portal de Notícias da Globo*, 16 mar. 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2021/03/16/brasil-registra-2798-mortes-por-covid-em-24-horas-novo-recorde-da-pandemia-total-passa-de-282-mil.ghtml>. Acesso em 17 mar. 2021.

G1 RS. Hospital Moinhos de Vento aluga contêiner para colocar corpos, em Porto Alegre: 'É um campo de guerra', diz superintendente. *G1- Portal de Notícias da Globo*, 2 mar. 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/03/02/e-um-campo-de-guerra-diz-superintendente-do-hospital-moinhos-de-vento-em-porto-alegre.ghtml>. Acesso em 17 mar. 2021.

MARTINS, Dalton; CARVALHO JÚNIOR, José Murilo Costa. Memória como prática na cultura digital. In: *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos equipamentos culturais brasileiros: Tic cultura 2016*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017. p.45-52. Disponível em:

[https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC\\_CULT\\_2016\\_livro\\_eletronico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_CULT_2016_livro_eletronico.pdf). Acesso em 2 abr. 2021.

MARTINS, Dalton Lopes; SILVA, Marcel Ferrante; SEGUNDO, José Eduardo Santarém; SIQUEIRA, Joyce. Repositório digital com o software livre Tainacan: revisão da ferramenta e exemplo de implantação na área cultural com a Revista Filme Cultura. *Anais.. Marília: ANCIB*, 2017. 21p. Disponível em:

<http://enancib.marília.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/view/472>. Acesso em 2 abr. 2021.

MUSEU DA PESSOA. *Tecnologia Social da Memória* - para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias, 2009. 51p. Disponível em:

[https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/livro\\_tecnologia\\_social\\_da\\_memoria.pdf](https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/livro_tecnologia_social_da_memoria.pdf). Acesso em 18 mar. 2021.

NORA, Pierre. Entre História e Memória: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*, São Paulo, v. 10, 1993. p.7-28.

PIRES, Cássio de Oliveira; ROCHA, Rafael Port da. Finalidade e Atividades da Curadoria Digital na Perspectiva de sua Implantação em uma Instituição. In: *Brazilian Journal of Information Science: Research trends*, v.14, n.4, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1940-1640.2020.v14n4.10857>. Acesso em 28 mar. 2021.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. *Painel Covid-19 Porto Alegre*, 16 de março de 2021. 1p. Disponível em: [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/sms/usu\\_doc/painelcov16marco.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/sms/usu_doc/painelcov16marco.pdf). Acesso em 17 mar. 2021.

PROGRAMA MUSEOLOGIA NA UFRGS: TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS. *Itinerários*, 2021. Disponível em: <http://memoriamslufrgs.online/tainacan/colecao/itinerarios/>. Acesso em 4 abr. 2021.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. *Documentação Museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista*, 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009. 129p.